

ARTIGOS

Ana Raquel de Sousa Lima^I

Cleide Silva de Oliveira^{II}

Margareth Torres de Alencar Costa^{III}

Configurações de violências em “Espinha de Peixe”, de Mari Vieira

Configurations of violence in
“Espinha de Peixe”, by Mari Vieira



RESUMO:

Este artigo tem como objetivo analisar as manifestações das violências domésticas desferidas contra a mulher negra e suas reverberações nas memórias dos filhos que presenciam os atos brutais em contexto ficcional. Para tanto, utiliza-se de uma revisão bibliográfica assentada em Davis (2016), hooks (2023), Carneiro (2019); Saffioti (2015), Akotirene (2023); Assmann (2011), Durand (2012) e Le Breton (2016) associada a dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2023) - Atlas da Violência. A condição interseccional da mulher, sobretudo no que concerne aos eixos sociais raça, gênero e classe foi considerada nas análises críticas, assim como, a possibilidade de lembranças de traumas infantis oriundos das violências presenciadas. Foi possível compreender que as violências contra a mulher negra se manifestaram prioritariamente de forma psicológica, física e moral. Observou-se que este fenômeno está constituído no aspecto sócio-histórico que legitima o poder do homem sobre o corpo feminino em uma relação direta com a lógica patriarcal: em especial, no que se refere ao corpo da mulher negra e pobre. Conclui-se, portanto que este fenômeno, quando realizado no âmbito doméstico, na presença dos filhos, resulta em traumas que reverberam na vida adulta por meio de emoções conscientes e/ou inconscientes que, por sua vez, podem transformar-se em atos violentos.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira; Violência contra a mulher; Memórias; “Espinha de Peixe”; Interseccionalidade


ABSTRACT:


This article aims to analyze the manifestations of domestic violence committed against black women and their reverberations in the memories of children who witness the brutal acts in a fictional context. To this end, a bibliographic review based on Davis (2016), hooks (2023), Carneiro (2019), Saffioti (2015), Akotirene (2023), Assmann (2011), Durand (2012) and Le Breton (2016) is used, associated with data from the Institute for Applied Economic Research (IPEA, 2023) - Atlas of Violence. The intersectional condition of women, especially regarding the social axes of race, gender and class, was considered in the critical analyses, as well as the possibility of memories of childhood trauma arising from witnessed violence. It was possible to understand that violence against black women manifested itself primarily psychologically, physically and morally. It was observed that this phenomenon is constituted in the socio-historical aspect that legitimizes the power of men over the female body in a direct relationship with patriarchal logic: in particular, regarding the body of poor black women. It is concluded, therefore, that this phenomenon, when carried out at home, in the presence of children, results in traumas that reverberate in adult life through conscious and/or unconscious emotions that, in turn, can change into violent acts.

Keywords: Afro-Brazilian literature; Violence against women; Memoirs; "Espinha de Peixe"; Intersectionality

^I Doutoranda em Letras-Literatura pela Universidade Federal do Piauí; Professora, Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Piauí: Teresina, PI, Brasil.

anaraquelhelima@hotmail.com,  <https://orcid.org/0000-0003-1417-1962>

^{II} Doutora em Letras/Literatura pela Universidade Federal do Piauí; Professora, Secretaria Estadual da Educação do Piauí, Teresina, PI, Brasil. cleideoliveira@gmail.com,  <https://orcid.org/0000-0003-4876-0589>

^{III} Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco; Professora, Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI, Brasil. margarethtorres@cchl.uespi.br,  <https://orcid.org/0000-0003-3524-9503>

INTRODUÇÃO

[...]Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar!
E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também aguentei as chicotadas! E não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher?
Sojourner Truth - 1851)¹

Na cidade de Akon, no estado americano Ohio, em 1851, a ex-escrava Sojourner Truth rompeu o silêncio imposto a mulheres negras em uma convenção onde vozes hegemônicas imperavam. Com o discurso intitulado “Não sou eu uma mulher”, desafiou a hegemonia masculina, bem como, o privilégio conferido a mulheres brancas e ricas, refutando ideias concebidas como a negação do direito ao voto. O texto constitui a defesa de um conceito pautado na enunciação do corpo negro colonizado, marcado pelas violências que a escravização impôs a mulheres e as resistências necessárias à subversão desses modelos.

Truth desestabiliza o formato eurocêntrico quando enfrenta concepções tradicionais de maneira a incluir narrativas negras no contexto do direito à humanidade e contra opressões sexistas, racistas e classistas. Seu discurso expõe a capaci-

dade corporal através de imagens como a dos membros inferiores que denotam a força feminina empregada em trabalhos árduos. Para além da capacidade física, a resiliência manifesta-se na sensibilidade à dor medida pelas chicotadas e em suas marcas visíveis ou pela separação abrupta dos filhos uma vez que o destino deles era serem vendidos enquanto a escravizada procriaria quantas vezes fosse possível para conferir lucro a seu proprietário.

Infere-se que, historicamente, mulheres negras têm sido compreendidas como corpo-objeto sobre o qual se empreendem crueldades. Para Le Breton (2016, p. 7), “sem o corpo, que lhe dá um rosto, o homem não existiria. Viver consiste em reduzir continuamente o mundo ao seu corpo, a partir do simbólico que ele encarna”. É este corpo simbólico que Truth apresenta em seu discurso; um corpo que expõe o mundo contemporâneo de violências interceptadas ao racismo²; um corpo que luta por um devir eminentemente humano; um corpo que sente, que chora, que se emociona. O corpo negro, o corpo objeto, o corpo propriedade, o corpo coisa. Um corpo negro simbólico.

Isto possibilita a compreensão de que o gesto de Truth, ao entonar a sua voz diante de um público distante daquela realidade, rompendo com silêncios e desvelando as opressões sofridas, constitui um clamar para que seja atribuída humanidade a todas/os indiscriminadamente. Djamilia Ribeira

ro (2019) considera que essa ação contribui para o entendimento acerca da longa batalha em busca da inclusão de sujeitas participantes da política. Segundo a filósofa, o texto também pode ser visto como demonstração de que mulheres negras sempre buscaram produzir enunciados contra-hegemônicos.

A voz da ativista não traz somente uma dissonância em relação à história dominante do feminismo, mas também a urgência por existir e a importância de evidenciar que mulheres negras historicamente estavam produzindo insurgências contra o modelo dominante e promovendo disputas de narrativas. Nesse sentido, pensar a partir de novas premissas é necessário para se desestabilizar verdades (Ribeiro, 2019, p. 19).

Verdades estas impostas pela sociedade branca e privilegiada, desprezando as realidades de mulheres negras vítimas de diversas opressões. Neste cenário, o não silenciamento dessas falas é uma maneira de compreender o lugar social onde foram condicionadas a se colocarem, ou seja, em uma função de *Outro do Outro*: expressão cunhada por Grada Kilomba e mencionada por Ribeiro (2019)³. Com isso, tem-se nas palavras de Truth o desnudamento das diversas vivências de opressões sofridas por ela e que reverberam coletivamente.

A literatura afro-brasileira expõe ficções desestabilizadoras de hegemonias assim como o discurso de Truth. Os contextos externos, em especial, o ser mulher negra configurado em suas

bases diegéticas conduzem a importantes representações sociais. Quanto à perspectiva da violência configurada na arte literária, Jacques Leenhardt (1990, p. 15, grifos do autor)⁴, pontua que “todo discurso sobre a violência é dela necessariamente uma *representação* e não uma *descrição*, mostrando-se, por essência, da ordem da ficção. É por essa via, enfim, que violência e literatura se acham tão intimamente ligadas”. Para ele,

Aos discursos ficcionais, cabe finalmente a amarga tarefa de *situar* a violência, de colocá-la no interior de um quadro vivo, de conferir-lhe o peso da experiência através da sua representação. Somente ali ela pode produzir seus efeitos necessários: os efeitos da tomada de posição. (Leenhardt, 1990, p. 15, grifo do autor).

Por este ponto de vista, é de se notar que a arte literária desempenha o papel de representar as experiências de violências proporcionando efeitos diversos ao longo das leituras que trazem à luz manifestações desse fenômeno. Neste ínterim, em *Água de Barrela*, de Eliana Alves Cruz, identifica-se violências perpetradas contra mulheres negras, percebidas como ocorrências que deixam cicatrizes físicas e psíquicas. Essas marcas são percebidas no romance por meio das manifestações das lembranças dolorosas de Akin da época da escravidão relacionadas ao sofrimento da personagem Ewà Oluwa na travessia no navio em direção ao Brasil.

Os chefes da expedição, na primeira chance trataram de “se servir dela”, um por vez, ao

longo do trajeto. Seria difícil para Akin tirar a recordação dolorosa da mente e a raiva do coração devido às lágrimas derramadas pela moça na primeira vez que um dos vigias do grupo, um mestiço, lhe apertou os seios como se estivesse testando o frescor de uma fruta na banca de um mercado (Cruz, 2018, p. 24-25, grifos da autora).

As recordações da personagem Akin explicitam como as mulheres eram tratadas pelos homens em situação de liderança dentro do navio. O que pode ser ilustrado pela forma como o corpo de Ewà Oluwa foi tratado pelos homens chefes da expedição como corpo objeto de prazer masculino. Este momento marcou Akin, pois, “sentiu um desespero gigante e inédito sobretudo porque prometera ao irmão mais velho fazer tudo para olhar por ela” (Cruz, 2018, p. 25). Nota-se que nestas recordações que perduraram ao longo da vida da personagem há um aspecto de protecionismo, pois Akin sente a necessidade de proteger Ewà, mas por não conseguir tem a sensação do desespero por se sentir incapaz de realizar a promessa feita ao irmão antes deste morrer.

Em sequência, identificou-se que o verbo *servir* denota a concepção masculina de que o corpo da mulher negra é constituído para satisfazer ao desejo masculino. A comparação dos seios a uma fruta na banca de um mercado concebe a mulher escravizada como mercadoria. Ademais, as lágrimas descidas no rosto do protagonista aludem a uma memória afetiva: embora ele estivesse em companhia de outras pessoas no navio, o pranto

daquela ocasião o marcou de forma singular.

Verifica-se a presença de emoções que despontam medo, raiva, angústia e outras que se materializam por meio de cicatrizes invisíveis fisicamente. Sobre o medo, Claudia Rezende e Maria Claudia Coelho (2010, p. 33), pela ótica de Norbet Elias, afirmam que se trata de “um canal de transmissão das estruturas sociais à estrutura psicológica individual”. Neste caso, o medo opera como um mecanismo de condução de outros efeitos psíquicos. As pesquisadoras enfatizam que “o sentimento do medo surge associado a noções de perigo e risco que ameaçam o indivíduo – seja sua integridade física, sua autoimagem ou sua posição social – ou um determinado grupo social” (Rezende e Coelho, 2010, p. 36). Dessa maneira, o medo possibilita uma sensação de ameaça de perdas, de rompimentos, de não realizações, estabelecendo um processo ameaçador.

No que tange à raiva, Rezende e Coelho (2010, p. 39)⁵, comentam que “a articulação da raiva com a humilhação põe em relevo a identidade da pessoa que é afetada pelo evento que produz esses sentimentos”. E em se tratando da ótica da escravidão esta identidade é perdida, são seres apátridas, que estão perdendo o poder de comunicação em suas línguas e, portanto, sem voz, emudecidos por força da diáspora forçada. Outra concepção relevante é o de que se trata de uma manifestação “antissocial, que pode gerar comporta-

mento agressivo. Por outro lado, a retenção da raiva também não é bem-vista, em função da ideia de uma emoção que precisa ser expressa para não ‘explodir’ de forma violenta” (Rezende e Coelho, 2010, p. 42, grifo das autoras). Percebe-se que essas emoções estão associadas a atos que envolvem tanto a estrutura social, quanto a psíquica do ser dado que o sujeito envolvido pode recalcar, refratar ou expressá-las por diversos meios e/ou ações.

Nesse contexto, ambos os conceitos podem ser usados para dar sentido e lidar com a discrepância moral e o conflito interpessoal conforme afirmam as investigadoras. Diante disso, compreende-se a relevância das escritas de mulheres negras, dado o fato de alguns desses textos servirem como mecanismo de evocação de um passado não esquecido uma vez que o imaginário coletivo deixou marcas ocultadas no sujeito, oriundas de relações sociais em que as emoções se fazem configuradas através das expressões corporais como os medos e as raivas que se manifestam constantemente nas ações e pensamentos das personagens.

O *corpus* dessa pesquisa é a narrativa “Espinha de Peixe”, de Mari Vieira: uma narrativa que se configura em ambiente domiciliar onde as personagens vivem em contato com ações violentas. O medo e a raiva são constantes como ocorre no romance de Cruz (2018). No texto de Vieira (2019), o protagonista evoca lembranças traumáti-

cas da infância quando, aos quarenta anos, proporciona à esposa e aos filhos situação similar à que presenciava com o irmão: o pai violentando a mãe. O retorno a essas lembranças dolorosas é o ponto de partida para identificação das modulações das violências configuradas no tecido literário de Vieira. Pois, “O trauma estabiliza uma experiência que não está acessível à consciência e se afirma nas sombras dessa consciência como presença latente” (Assmann, 2011, p. 277). Assim, o sujeito traumatizado consegue, mesmo que inconscientemente, fixar suas emoções nos rincões da memória, mas em algum momento, lembranças podem retornar através de algo reprimido.

Pelo exposto, o problema da pesquisa reside na interrogação acerca das formas como se manifestam as violências domésticas sofridas pela mãe e pelos filhos no conto “Espinha de peixe” em análise e de que maneira essas violências são estabilizadas na memória do protagonista e repercutem em suas ações no presente. Diante da amplitude da temática, é necessário delimitar a perspectiva através da qual esse fenômeno deve ser identificado, assim como as motivações para a execução dos atos bárbaros. Nesta perspectiva, esse estudo volta-se para a compreensão das violências no ambiente domiciliar considerando o fato de que, muitas vezes, são agressões que atingem outros membros da família. Toma-se como base o contexto de uma sociedade racista que abriga su-

jeitas/os cujas existências estão atravessadas também por estruturas de gênero e de classe modificadoras de suas condições sociais, isto é, uma sociedade assentada em opressões intersectadas.

Assim, o presente estudo realiza reflexões e delimitações acerca da temática da violência contra a mulher negra a partir de um ponto de vista sócio-histórico visando articulá-lo com o *corpus* desta análise. Deste modo, no desenvolvimento deste estudo fez-se necessário compreender a violência contra corpos femininos negros a partir de suas manifestações no tecido narrativo. Na seção intitulada, “Dados intersectados”, discute-se sobre os condicionantes de interseccionalidade, ou seja, raça, gênero e classe quando o que se violenta é o corpo feminino negro, pois, ao longo da história observa-se que o trato com o corpo da mulher negra sempre foi diferente em relação ao do homem negro e, muito diferente, quando se faz referência ao sofrimento do corpo feminino branco.

Em continuação, a seção intitulada “Espinha de Peixe”, de Mari Vieira: duas Rosas; um infortúnio”, abriga análises acerca do *corpus* da pesquisa buscando identificar as manifestações das violências contra a mulher negra no ambiente doméstico e as possíveis reverberações destes atos nos filhos. Por fim, apresentam-se as considerações finais deste estudo no qual salienta-se as principais identificações das violências contra o corpo da protagonista que sofre as diversas agres-

sões diante de seus filhos infantes.

DADOS INTERSECTADOS

O devir-negro localizado no discurso de Sojourner Truth, transcrito na epígrafe da introdução desse artigo, é uma referência às consequências das perversidades de um trajeto colonial bem descrito pela ativista estadunidense Ângela Davis. Após o sequestro em África, a ruptura com a terra natal e com a família, no desembarque em solo brasileiro e após a venda como mercadoria, não havia distinção entre mulheres e meninas no que tange à exploração. “Da mesma forma que os meninos eram enviados para o campo ao atingir certa idade, as meninas eram designadas para trabalhar o solo, coletar algodão, cortar cana, colher tabaco” (Davis, 2016, p. 18). Sobre as condições em que as meninas, igualadas aos meninos no trabalho pesado e forçado, eram objeto de trabalho na lavoura sem nenhuma restrição quanto à idade, as condições de saúde ou mesmo à condição física, apreende-se que o importante era trabalhar e produzir.

Davis também traz à luz violências diferentes sofridas pelas mulheres negras para além das que eram desferidas contra homens escravizados. “Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser

infligidos a elas” (Davis, 2016, p. 19). Identifica-se que há uma diferença no trato do corpo feminino por parte dos senhores, pois enquanto crianças, o gênero era invisibilizado e trabalhavam na lavoura, mas ao se tornar mulher “elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmea” (Davis, 2016, p. 19). Dessa forma, seu corpo tornava-se instrumento de uso e de abuso de seus senhores. Além disso, havia a função reprodutiva visto que este mesmo corpo feminino negro sendo fértil passou a ser observado como meio de lucro.

Sob esta forma de conceber o corpo da mulher negra, agora também mãe, Davis argumenta que elas não gozavam de condições respeitáveis e recebiam maus-tratos similares. Não eram vistas como mulheres-mães, mas apenas como reprodutoras de futuras mãos de obra para seus senhores. No que tange à condição da mulher grávida, Davis (2016, p. 22, grifos da autora), afirma que “não apenas eram obrigadas a realizar o trabalho agrícola como também eram sujeitas às chicotadas que trabalhadoras e trabalhadores normalmente recebiam se deixassem de cumprir a cota diária ou se protestassem com “insolência” contra o tratamento recebido”. As atrocidades a que eram submetidas ocorriam de forma ilimitada e em nome das metas diárias ambicionadas. Embriões sofriam as chicotadas através do ventre materno.

“Depois, de tudo, o corpo nada mais é do que apenas um resto” (Le Breton, 2016, p. 75).

Resto, neste contexto, pode conotar o sentido de um corpo sem valor afetivo, sem humanidade; apenas algo e nada mais. bell hooks (2023) corrobora com Davis ao afirmar que “o poder patriarcal, o poder que homens usam para dominar mulheres, não é apenas privilégio de homens brancos das classes alta e média, mas de todos os homens em nossa sociedade, independentemente de classe ou raça” (hooks, 2023, p. 145). Nota-se com isso que o ideal da visão patriarcal atravessa todas as mentalidades do indivíduo masculino. Este que atribui fragilidades ao corpo feminino como mecanismo para alicerçar suas ações perversas.

Sueli Carneiro argumenta, inserindo as variáveis interseccionais como ferramentas para a compreensão dos engendramentos que coadunam com a opressão. Entrelaçada ao gênero, utiliza-se a raça como promotora de um impacto social devastador. Compreende-se que mulheres negras “tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem sido reconhecido, assim como não tem abarcado a diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina dessas mulheres” (Carneiro, 2019, p. 313). Neste sentido, verifica-se que as experiências da mulher negra estão assinaladas por diferentes violências e níveis de agressões e que até o momento estão alicerçadas no imaginário da sociedade como algo banal.

O debate acerca das opressões de gênero e de raça permitem desenvolver ações políticas feminista e antirracista, de acordo com Carneiro (2019, p. 315). Considerando a ocupação brasileira como quinto país com maior índice de feminicídio no mundo (Akotirene, 2023, p. 192), interessa traçar metas no sentido desenvolvido por Carneiro. Pelo *ranking* mencionado, infere-se que a mulher negra tem a probabilidade maior de ser agredida até o feminicídio.

Por causa da subjetividade fragmentada das mulheres que têm raça e classe deslocadas nas políticas públicas, aumentam as chances de as vítimas de violência serem mulheres negras sem instrução, que frequentemente enfrentam obstáculos na hora de fazer a denúncia, receber acolhimento e lidar com as repercussões do encarceramento dos agressores (Akotirene, 2023, p. 185)

A vulnerabilidade da mulher negra é notada diante das agressões sofridas visto que muitos são os condicionantes sócio-históricos que as colocam neste lugar de precariedade: condições individuais, instituições e relacionamentos afetivos. Precariedades que desnudam todo o sistema estrutural um *locus* social desfavorável. A fim de ilustrar essas questões, o Mapa da Violência, divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), apresenta-se ilustrado estatisticamente e constitui um referencial cujos dados evidenciam serem mulheres negras as maiores vítimas de violência no Brasil. Tal aspecto é discutido ano após

ano nas edições do Atlas da Violência e enfatizado na descrição ilustrativa.

Quando o Mapa expõe a violência letal contra mulheres negras e não⁶ negras no Brasil, é informado que – em 2021, 2.601 mulheres negras foram vítimas de homicídios no Brasil. Segundo a pesquisa, isso representou 67,4% do total de mulheres assassinadas naquele ano e uma taxa de aproximadamente 4,3 mulheres negras mortas para cada 100 mil. Entre as mulheres não negras, esta taxa foi de 2,4 por 100 mil: número quase 45% menor. Nesse sentido, as pesquisadoras Vivianne Lima Aragão e Karyna Batista Sposato, no estudo intitulado - *o avanço da violência doméstica contra mulheres negras no Brasil durante a pandemia da covid-19*, trazem à tona dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (Ano 15) que foi modificado e novamente publicado em 15 de julho de 2021. Destaca-se que:

Foram ao menos 694.131 ligações relativas à violência doméstica, o que significa que a cada minuto de 2020, 1,3 chamados foram de vítimas ou de terceiros pedindo ajuda em função de um episódio de violência doméstica. [...]. Outro dado importante, trazido por este mesmo anuário, é o perfil racial. Entre as vítimas de feminicídio no último ano, 61,8% eram negras, 36,5% brancas, 0,9% amarelas e 0,9% indígenas. Entre as vítimas dos demais homicídios femininos 71% eram negras, 28% eram brancas, 0,2% indígenas e 0,8% amarelas. (Lima e Sposato, 2021, p. 5)

Pelo dados relatados, confirma-se que as mulheres estão expostas constantemente às vio-

lências domésticas, pois os números demonstram aumento significativo no tipo de violência em que os sujeitos femininos estão em constante relação com o agressor, que é o do espaço doméstico, ou seja, no lar. Entretanto, observa-se que mais uma vez o condicionante racial interceptado ao gênero continua sendo o ponto determinante das violências perpetradas contra essas mulheres. Isto reflete a fragilidade da eficácia das políticas públicas empregadas nesse sentido.

Relacionando os números à argumentação de Sueli Carneiro (2011, p. 15) encontra-se a relevância da observação dos direitos humanos relacionados à desigualdade social e à violência. Para a filósofa, existe “a prevalência da concepção de que certos humanos são mais ou menos humanos do que outros, o que, conseqüentemente, leva à naturalização da desigualdade de direitos”. Desse modo, constata-se desequilíbrio no direito à segurança da mulher branca em detrimento da mulher negra, uma vez que esta última sofre historicamente a desigualdade vista como trivial pela sociedade, mas que as pesquisas exibem como brutal e estrutural.

Sobre a concepção de violência contra a mulher negra, bell hooks (2023, p. 51) cita que “o elemento mais forte de conexão entre militantes negros e homens brancos era o sexismo compartilhado – ambos acreditavam na inferioridade natural da mulher e apoiavam o domínio do homem”.

hooks aponta a concepção masculina de que a mulher é um ser que deve se sujeitar ao ideal patriarcal indiferentemente da raça. O patriarcado está imbricado à concepção de que o corpo da mulher é um objeto e, por conta disso, é algo que pode ser desumanizado por meio de ações bárbaras que se materializam com marcas visíveis e invisíveis no corpo feminino. Sobre este contexto, bell hooks expressa:

Muito da violência contra mulheres nesta cultura é promovida pelo patriarcado capitalista que incentiva homens a se verem como privilegiados, enquanto diariamente os destitui de humanidade em trabalhos desumanos e, como consequência, eles usam violência contra mulheres para resgatar o senso de poder e masculinidade que perderam (hooks, 2023, p. 173).

hooks põe a descoberto valores históricos segundo os quais a mulher sempre foi vista como um ser menor, frágil, sem condições cognitivas e, por conta disso, destinada ao ambiente privado da casa e da família, ficando subordinada aos desejos do companheiro. Ademais, as considerações da feminista nessa passagem conduzem a duas observações: a primeira, quanto à menção acerca da cultura do patriarcado como incentivador da desumanização da mulher, compreendida quando notada a depreciação de seu espaço no ambiente da casa uma vez que não há um compartilhamento, mas uma hierarquização no enlace conjugal.

Em outra instância, estabelece-se uma interlocução entre hooks e o ponto de vista de Helei-

eth Saffioti quando esta última acentua que “as violências físicas, sexual, emocional e moral não ocorrem isoladamente. Qualquer que seja a forma assumida pela agressão, a violência emocional está presente” (Saffioti, 2015, p. 79), e isto pode ser verificado na passagem de hooks quando o alvo para violência do homem é sempre o corpo da mulher. Um corpo físico que somatiza dores através das emoções silenciadas ou não consideradas pelo abusador. Isto reforça a concepção de que a mulher sempre esteve condicionada a uma hierarquia de inferioridade e sujeita a diversas ações brutais motivadas pelo sensação de posse inerente a agressores. Portanto, é este imaginário de poder concebido em relação ao corpo-objeto feminino que se reflete nos dados ilustrados no Mapa da Violência e que está representado em textos tais quais o que segue analisado a seguir.

“ESPINHA DE PEIXE”, DE MARI VIEIRA: DUAS ROSAS; UM INFORTÚNIO

A obra em estudo é de autoria da escritora Mari Vieira Costa⁷. “Espinha de peixe” inicia com uma marcação temporal que assinala um passado de dois anos em que o protagonista é apresentado pelo narrador como um sujeito marcado pelas repercussões psíquicas do ato violento desferido contra sua companheira e que no presente lhe

causa envelhecimento demonstrado nas rugas e nos cabelos brancos. “Desde então Paulo vivia na penumbra. Agora, as coisas ensaiavam uma mudança e a vida poderia amanhecer” (Vieira, 2019, p. 231). O martírio com o afastamento familiar, antecipado no primeiro parágrafo, demonstra uma necessidade de reaproximação, mas não necessariamente uma mudança de postura em relação à companheira. “Há dois dias, depois de meses de insistência, conseguiu que a esposa, Rosa, ainda era sua esposa, aceitasse recebê-lo para conversar, e um meio sorriso apareceu no rosto (Vieira, 2019, p. 231). Na repetição do vocábulo *esposa*, a esperança de que haja sucesso na tratativa de retorno.

A animação para o encontro pede uma melhora na aparência, o que é feito no salão de Ana: a trançadeira que renovaria seus dreads. “Ela o recebeu sem festas, mas falante como sempre, exibindo catálogos, fazendo várias sugestões. Ele não havia pensado em mudanças, mas Ana insistiu que Paulo fizesse, na lateral da cabeça, um peixe que se contorcia no ar como se voasse rumo ao rio” (Vieira, 2019, p. 231). Havia receio de que a cabeleireira tocasse no ocorrido com Rosa, o que foi desfeito; entretanto, infere-se do texto a ausência de intenção do homem em promover transformações pessoais a partir da negativa em mudanças na cabeça, isto é, no corte.

O texto de Vieira tem no peixe uma metá-

fora central cuja representação deve ser investigada. Para Assmann (2011, p. 275), o símbolo é um estabilizador de memórias, uma vez que a rememoração “que ganha a força de símbolo é compreendida pelo trabalho interpretativo retrospectivo em face da própria história de vida e situado no contexto de uma configuração de sentido particular”. Isto é relevante para compreender o retorno ao passado que o protagonista fará diante da insistência de Ana para que fizesse em sua cabeça a imagem do peixe em contorção. Este animal passa a ser o símbolo que desnova emoções antigas de Paulo; tempos em que a violência predominava na sua vida. Em paralelo com as premissas de Gilbert Durand (2012), a imagem do peixe pode ser associada à simbologia do engolimento. Observando que não é o sorvido pelas águas que habita, mas desempenha a função de engolir como algo ritmizado, possibilitando com isso o sentido de algo que se repete; que é cíclico.

O simbolismo do peixe parece pôr a tônica no caráter involutivo e intimista do engolimento [...]. O peixe é quase sempre significativo de uma reabilitação dos instintos primordiais. É essa reabilitação que indica as figuras onde uma metade de peixe vem completar a metade de um outro animal ou de um ser humano. A deusa lua, em numerosas mitologias, tem a cauda de peixe (Durand, 2012, p. 216).

Relaciona-se o simbólico contido na imagem do peixe a uma possibilidade de estabilização das lembranças infantis para fazer um diálogo com o pensamento de Assman, no sentido de um traba-

lho interpretativo retrospectivo, como também associado ao caráter involutivo e intimista aliado ao processo de engolimento, dialogando com Durand. Quanto a esta última compreensão do processo simbólico, o peixe traz o sentido de deglutir as sensações que o atravessam ao longo de suas experiências familiares. Assim, o infante não pode expressar suas angústias e simplesmente ingerir as agressões do pai tanto em relação aos filhos como também, e mais doloroso, em relação às atitudes violentas do pai em relação à Rosa a quem Paulo sacralizava.

Morava perto de um rio repleto de peixes. Tentava contar momentos dessa época, mas Ana mal o ouvia e já enveredava para outro assunto. Acolheu dentro de si as lembranças do menino pescador, filho de mãe santa e pai bravo. O pai, que pai tivera? Um homem feroz que não aceitava um olhar que julgasse estranho, uma palavra mal colocada, uma benção que entendia mal pedida. Quaisquer deslizes eram punidos com safanão ou surra. Isso valia para os filhos, a mãe e qualquer um que o encontrasse nos seus piores dias (Vieira, 2019, p. 232).

Nos momentos de autocuidado, Paulo gostaria de ter sido ouvido. Contrariado nesta empreitada, perdeu-se em pensamentos tentando responder a perguntas as quais jamais tivera resposta, como por exemplo, em que tipo de pai o seu genitor se enquadraria. Naquelas memórias, o que primeiro lhe surgiu foi a imagem do rio enquanto abrigo, provavelmente, porque a casa estava impedida de exercer tal função diante do malfeitor

que ali residia. No retorno à infância, encontrava a santidade da mãe em uma contradição à fúria do pai. Não faltaria justificativa para que ele desferisse agressões físicas contra os membros da família ou contra quem entrasse no caminho. Isto explicava os rastros deixados na memória do protagonista.

Quanto à perspectiva imagética do rio, retomando a perspectiva durandiana, também é possível associá-la à simbologia das águas dado que “será necessário lembrar que em numerosas mitologias o nascimento é como que instaurado pelo elemento aquático” (Durand, 2012, p. 226). Outro prisma verifica-se pelos estudos de José Bruni (1994), quando afirma que “a água está na matriz da sequência espelho - reflexo - reflexão - pensamento. A liquidez da água, seu caráter essencialmente móvel sugere o movimento das ideias, e o seu objetivo: ser espelho fiel da realidade” (1994, p. 59). Logo, a simbologia do rio vinculado à água pode ser compreendida como lugar e renascimento a partir da possibilidade de refletir sobre suas condições de vida que está assentada em uma realidade singular. “Assim, a água como espelho, produzindo a reflexão - o sair de si e voltar a si - é símbolo por excelência do pensamento. Não por acaso a palavra refletir aplica-se à água como ao pensamento” (Bruni, 1994, p. 59).

Tal percepção pode ainda ser compreendida quando fora interrompido por Ana pergun-

do se seus pais ainda eram vivos. Respondeu que a mãe havia morrido há pouco tempo e o pai fora assassinado. “Lamentava a morte deles, mas Paulo já não a ouvia, estava longe, sob o sol escaldante, observando os pés pretinhos dentro d’água, sentindo o mundo desabar antes de saber o que o fazia ter prumo” (Vieira, 2019, p. 232). A volta para o rio era significativa para o personagem uma vez que era onde se abrigava e era também onde, antagonicamente, excedia-se e relaxava. “Os puxões de Ana o arrancavam do seu dolorido passado e simultaneamente faziam-no encarar o padecimento dos últimos tempos, enquanto a memória alimentada pelo peixe no cabelo teimava em morder a sua meninice” (Vieira, 2019, p. 231). Os safanões contra a cabeleira tiram-no abruptamente da imersão em que estava inserido até aquele ponto. O trecho de Mary Vieira expõe a violência através dos vocábulos *puxões*, *arrancar*, *dolorido*, *padecimento* em uma gradação crescente que inicia no cabelo e perpassa a existência do personagem.

Sentia dentro de si um rio caudaloso rompendo barreiras, findando com quarenta anos de contenção. O menino Paulo encarava-o. Era um rezinho enraivecido que podia se jogar nas profundezas, prender a respiração até a vida exigir ser vivida e só então voltar à superfície, pronto para matar, quase sempre o pai. Matar o pai, como quisera isso... A lembrança ardia no peito, enquanto o rio exigia ser lágrima. Olhou no espelho, mordeu firmemente os grossos lábios e engoliu, mais uma vez, o choro (Vieira, 2019, p. 232-233).

O rio, nesse momento, é agente de ruptura porque através do retorno memorialístico – realizado por intermédio daquelas águas - o personagem alcança a compreensão da necessidade de expulsar as emoções contidas durante quarenta anos embora não seja ainda nesta ocasião que isto ocorrerá de maneira plena. No texto de Mari Vieira, o rio ocupa a centralidade de uma metáfora importante para o entendimento da diegese. No trecho em análise e em outros que seguirão, há aliterações e assonâncias (*rio, rompendo, barreiras, reizinho, enraivecido*) compondo o ritmo do curso das águas represadas que o menino fita, bem como, a si mesmo.

A lembrança mais dolorosa de Paulo refere-se ao desejo constante de matar o pai e nessa angústia novamente sufoca as lágrimas. “Disfarçava, enquanto sentia o corpo-rio buscar afluentes. Aos poucos, a face envelhecida refletida no espelho mergulhava nas angústias dos seus doze anos. E fio a fio, memórias daquele dia fantasmagórico foram se compondo” (Vieira, 2019, p. 233). A palavra composta também é a comunhão do ser com o ente da natureza: *corpo-rio*. Um corpo negro des-governado cujos fios correm torrentes para onde houver alguma vulnerabilidade. Desde então, a memória de um dia estaria completa no íntimo de Paulo.

O pai chegara enraivecido. Ao vê-lo, a mãe os avisou: “Não irrite seu pai”. A mãe bondosa

dava aos filhos recomendações na esperança de que tateassem falas e gestos, “tenham paciência com seu pai, ele sofre muito no trabalho da fazenda, passa o tempo todo pelo que ninguém devia passar. A vida dele não é fácil, ele é bom, mas é tratado que nem cachorro e perde a cabeça...”. Os irmãos escutavam, mas como viviam cercados de medo e raiva, apesar de todo o cuidado da mãe, foi o que Paulo aprendera a sentir pelo pai (Vieira, 2019, p. 233, grifos da autora).

Os maus tratos remetem à animalização e desumanização do ser humano que passa a se comportar como Romão. A mãe funciona como catalisadora das catástrofes diárias. Como forma de resistência, ela tentava em vão proteger os filhos afastando-os do pai. A ideia era que justificando a irritabilidade do homem, os meninos percebessem os momentos em que deveriam se manter a distância. Infelizmente, o cuidado e a bondade de Rosa não eram suficientes para conter Romão e nem para evitar a expansão da raiva e do medo que existiam naquele ambiente. “Naquele dia, o pai chegou e encostou a enxada na entrada da cozinha. Os filhos saíram ressabiados, a mãe ficou porque essa era a regra” (Vieira, 2019, p. 233). Observa-se a configuração de um espaço que se aproxima do considerado como *lar* ou *domicílio familiar*, mas que tem no genitor o homem que dita as regras comportamentais. O medo impera naquele espaço e, por isso, as crianças saem ariscas em fuga. Quanto à mulher, não lhe é dada a prerrogativa de se retirar uma vez que, em torno dela, estão estruturadas as demandas domésticas e as ditas

obrigações matrimoniais.

A perspectiva analítica aqui delimitada se volta para a representação da violência familiar fundamentada por Heleieth Saffioti e alinhada ao viés delineado no que tange ao conjunto das agressões impetrado contra integrantes da mesma família “[...] extensa ou nuclear, levando-se em conta a consanguinidade e a afinidade. Compreendida na *violência de gênero*, a *violência familiar* pode ocorrer no interior do domicílio ou fora dele, embora seja mais frequente o primeiro caso” (2015, p. 75, grifos da autora). Neste sentido, a observação para caracterizar as possíveis agressões está vinculada à mulher, pois dentre os membros da família ela é a que tem que ficar mais próxima do agressor, ou seja, com maior probabilidade de sofrer com as ações brutais do marido e pais dos seus filhos: os que sofrem junto com a mãe.

“Espinha de peixe” conduz à observação da perspectiva de imbricação entre o social e o texto literário, dado que permite observar que a mulher negra e pobre, no ambiente doméstico, está sujeita a diversas agressões. Na sequência diegética, considerando o café frio, a lamúria do marido foi imediata. “Balbuciando, a mãe se prontificou a fazer outro” (Vieira, 2019, p. 233). O sussurro de Rosa indica o pavor que sente do homem com quem vive. Prevendo uma retaliação, ela nem propõe esquentar, mas preparar uma nova bebida ao que ele recusa demonstrando raiva.

Já devia tá pronto, Rosa”, e num átimo jogou a xícara nela. Ela tentou ir para outro lugar. Não deu tempo. Foi agarrada pelo braço. Ela implorou que parasse e tentou fugir. Enfurecido, segurou-a pela cabeça na ânsia de esfregar o rosto dela na fomalha. Esfregou. Estava quente – fogo do café recém-feito. Jogou-a na parede, enquanto ela gritava desesperada (Vieira, 2019, p. 233-234, grifos da autora).

A passagem aponta para o visível da violência classificada como física, pois de acordo com Agência Senado Federal Brasileiro, isto pode ser compreendido como, “qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal. Exemplo: tapa, soco, chute, empurrão, atirar objetos, apertar e sacudir membros, sufocamento, lesão com objeto perfurante, ferimentos provocados por objeto quente, arma de fogo etc.’. No que tange à violência contra a mulher, a lei brasileira de nº 11. 340 de 07 de agosto de 2006, também conhecida como Maria da Penha, traz em seu artigo 5º a menção de que “se configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (BRASIL, 2006).

Neste interim, compreende-se que Rosa, esposa do agressor, sofre violência física uma vez que os dados diegéticos explicitam o uso da força masculina sobre o corpo feminino. Isto possibilita marcas em seu corpo como o esfregar o rosto dela (da esposa) na fomalha, o que demonstra a brutalidade do homem-esposo, ou mesmo, o sentimento de fúria sob a desculpa de as coisas não estarem

da forma como ele desejava.

Na sequência narrativa, vê-se que Paulo armado com a enxada e o irmão com uma panela resolvem interceder, enquanto o pai usava uma panela pesada para bater ainda mais em Rosa. “O pai feroz os jogou longe. A mãe, já livre, começara a bater também, a casa desabava em gritos. Repentinamente, o pai saiu, atravessou o rio e não voltou” (Vieira, 2019, p. 234). No adjetivo *feroz*, localiza-se a animalização do homem que desfere golpes contra a família que, em última instância, deveria amparar. Nota-se a personificação da casa em seu *desmoronar* uma vez que, apesar da desordem relativa aos objetos, o processo de demolição é inerente às noções subjetivas das pessoas que a habitam. Há um clamor oriundo da desproteção imposta pelo desequilíbrio denunciando uma sociedade que atenta contra mulheres negras em um construto misógino que se contrapõe à própria vida.

Isso é observado na narrativa quando é descrito que, juntos na mesma cama (mãe agredida e filhos), tomados de pavor, ouvem seu Tião trazer a notícia de que o pai havia se metido em uma briga no bar e levado uns três tiros. “A palavra ritmava o coração como se o mundo todo se concentrasse nela. Diante do acontecido, só lamentava. ‘O pai morreu e eu não o matei’ foi a única coisa que pensou. Não chorou. Nem ele, nem o irmão, nem a mãe. Ninguém” (Vieira, 2019,

p. 234-235, grifos da autora). O alívio é recorrente em Paulo uma vez que a fúria do pai era imensa e, diante disso, estava justificada a ausência unânime de lágrimas nos integrantes da família.

No velório, a mãe resignada servia café. Paulo a olhava e só via a bolha enorme na testa, resultado da ira do pai. Sentia raiva e alívio. Olhava-o no caixão e era sugado por um redemoinho, o pai morto ainda fazia estremecer de raiva e medo. Não ficou em casa para acompanhar enterro. Foi para o rio. Sentou-se numa pedra próximo à margem, olhava-se no espelho d’água, o coração palpitava enraivecido sob o eco incessante da própria voz, que levaria anos para deixar de ouvir, “ele morreu e eu não o matei”. Paralisado pela ira, nem viu que os pés se misturavam aos peixinhos e girinos (Vieira, 2019, p. 235, grifos da autora).

Aos doze anos, o ápice para o protagonista não é a morte do pai, mas o fato de não o ter assassinado e o estado em que se encontra a mãe: ferida e subjugada. O cadáver do genitor trepidava o corpo de Paulo que rumava para um turbilhão de águas agitadas, assinaladas pela estabilidade do medo e da raiva. A arritmia cardíaca e as vozes que o acompanharam por décadas fechavam seus olhos para ações executadas nos momentos de fúria como, por exemplo, quando filhotes habitantes daquelas margens se aproximam de seus pés negros. “Subitamente, quando o dia já chegava ao fim, ainda com o corpo pesado de raiva, encheu a mão de girinos e peixinhos – estavam *tão inocentes* no encontro dos seus pés – e apertou-os firmemente” (Vieira, 2019, p. 235, grifos nossos). O paradoxo entre a pureza dos seres atacados por Pau-

lo e sua sanha desordenada é, incontestavelmente, a mesma ação oriunda de Romão e perpetrada contra ele e sua família.

“As lágrimas querendo descer, ele mordendo os lábios, repetindo para si mesmo: ‘Nunca vou chorar por ele’, enquanto uma gosma viscosa e escura escorria pela mão” (Vieira, 2019, p. 235). Como forma de expurgar as emoções, Paulo não chora; mata. Mata para ver o pai morto. “Os estalos da floresta lembravam que aquele já fora um lugar de paz, os dedos estavam travados, sentindo esvair a vida daqueles serezinhos” (Vieira, 2019, p. 235). Os diminutivos empregados em relação às vítimas da violência doméstica contribuem para sensibilizar o leitor no que concerne à agressividade empregada. O espaço em sua integralidade compreende a mudança que ali ocorre desde que o personagem se desapossa do controle de seus ímpetos, ao que os dedos travados o denunciam.

“O peixinho fora o último a morrer; esbugalhava os olhinhos, enquanto Paulo estraçalhava seu corpo, encarando-o como quem espera que um monstro abatido se levante. Não chorou. Altivo, limpou a mão no calção e foi encarar o pai no caixão (Vieira, 2019, p. 235). Sem lágrimas, sem remorso, presunçoso e com coragem para o enterro. O protagonista incorpora os movimentos de seu genitor. A cerimônia já havia passado. E o menino de então, não conseguiu enfrentar o pai nem vivo, nem morto, mas as vivências de Romão per-

maneceriam em suas noções subjetivas.

Para Jung (2023, p. 35), “parte do inconsciente consiste, portanto, de uma profusão de pensamentos, imagens e impressões provisoriamente ocultos e que, apesar de terem sido perdidos, continuam a influenciar nossas mentes conscientes”. Isso pode ser confirmado ao verificar que durante vinte e oito anos, Paulo parecia ter deixado para traz as raivas incontidas, mas estavam represadas devido ao cotidiano de muito trabalho. Em diálogo com as análises freudianas, há uma possibilidade de as lembranças infantis, mesmo as consideradas esquecidas, permanecerem na vida adulta visto que “temos bons motivos para supor que essas mesmas realizações esquecidas da infância não passaram sem deixar vestígios no desenvolvimento da pessoa, mas tiveram, isto sim, influência determinante em sua vida posterior” (Freud, 2021, p. 71). Neste contexto, tanto Jung quanto Freud propõem que as vivências não são esquecidas totalmente pelas sensações infantis, mas que não só retornam como influenciam a mente consciente adulta conforme verificado na relação matrimonial de Paulo com Rosa. Seja por questões sócio-históricas ou biopsíquicas isto aponta para uma circularidade da violência, pois Rosa-mãe sofreu de infortúnio similar.

Quanto às recordações de atos violentos, isto se intensifica na narrativa porque as cicatrizes deixadas são relembradas por meio de objetos, de

fotos, de cheiros, de gestos localizados, por exemplo, na xícara de café que estabilizou a ação da violência contra a mãe de Paulo. Outro fato, reside na imagem do peixe que em diversos momentos retorna como trauma, em especial, na imagem do peixinho estraçalhado, além da troca de olhares entre Paulo e o animal como uma metáfora do desejo da criança em reagir da mesma forma contra o corpo do pai violento. Enfim, há maneiras e possibilidades de o momento ou os momentos de agressões físicas ou verbais ressurgirem.

No que tange à possibilidade de o corpo reagir através das lembranças recalçadas, Aleida Assmann (2011, p. 260) acentua que “as escritas do corpo surgem através de longa habituação, através de armazenamento inconsciente e sob a pressão de violência”. Disto se conclui que as lembranças inconscientes ou mesmo conscientes podem retornar através das reações do corpo, como por exemplo, os dedos travados de Paulo.

Em “Espinha de peixe”, o explicitado pelas teorias acerca da memória pode ser identificado pelo narrador: “Paulo nem sabia que os sentimentos duravam tanto. [...]. Naquele dia, Paulo estava possuído de ódio e raiva de Rosa, dele mesmo e até dos filhos” (Vieira, 2019, p. 236). Neste ponto, há duas observações a serem feitas: a primeira é de que os vestígios da violência presenciada na infância o acompanharam à posteridade, mesmo que de forma inconsciente, pois ele reproduz as

ações do pai no âmbito da família que construiu. A segunda, é a simbologia nominal das duas mulheres que sofrem agressões domésticas. O nome próprio Rosa em duplicidade enfatiza uma conotação da violência continuada, pois o menino presenciou Rosa-mãe cativa e, anos mais tarde, permitiu que seus filhos sofressem o mesmo trauma assistindo Rosa-esposa ser também violentada, caracterizando uma perpetuação da violência doméstica.

O silêncio tanto de Rosa-mãe quanto de Rosa-esposa é imperativo. A segunda não se pronuncia em momento algum na diegese: apenas chora. A primeira convence os filhos a calar-se. Ambas permanecem emudecidas diante do agressor. Inseridas em uma configuração social que condiciona mulheres à invisibilidade tal qual imposto a Sojourner Truth no século XIX, autora da epígrafe transcrita neste artigo. Por outro lado, há uma diferença de comportamento entre Rosa-mãe e Rosa-esposa, pois a segunda busca auxílio legal, demonstrando um agir consciente pautado no trabalho institucional.

Naquele dia, Paulo estava possuído de ódio e raiva de Rosa, dele mesmo e até dos filhos. Rígido como um poste e com o olhar vazio ouvia a juíza. Começou a amolecer quando viu de soslaio a mulher em lágrimas – a lembrança da mãe o rasgou por dentro. Olhou diretamente para a filha caçula, que também chorava. Estarrecido, viu-se menino diante do pai. Atordoado e tenso, saiu do tribunal, disfarçando a tristeza em raiva, sabendo que o seu mundo desabara. Agora, confrontando-se no espelho da trança-

deira, aliviava-se porque ela comunicava uma pausa depois de horas de trabalho (Vieira, 2019, p. 236).

O reconhecimento do erro e o controle estatal exercido através da ordem protetiva judicial afloram velhos sentimentos. Sensível às lágrimas femininas presenciais e memorialísticas, é tomado por uma nova emoção: a tristeza. Desprovido do rio a fim de encontrar a si mesmo, serve-se do espelho de Ana. “Relaxou o corpo, jogou o rosto sobre as mãos e pela primeira vez soube o gosto de uma lágrima, chorou a morte do pai e entendeu por que a mãe sempre o perdoava” (Vieira, 2019, p. 236). No encontro do hoje e do ontem, alcança a consciência do obscurantismo acerca de sua imagem: tão vista nas águas e tão negligenciada ao longo do tempo.

“Naquele instante teve consciência que pouco sabia de si, que os discursos ensaiados para a esposa não tinham sentido. Sentiu o rio atravessar o peito e, convulsivamente, transbordou” (Vieira, 2019, p. 236). O resgate das lembranças violentas infantis traz a consciência de seus atos e, por conta disso, compreende que sua esposa não tem o dever de perdô-lo. Se Rosa-esposa fizesse o mesmo que Rosa-mãe permitindo que o ciclo da violência continuasse, as marcas traumáticas repercutiriam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de “Espinha de peixe” escolta o leitor a um trajeto pelas subjetividades masculinas enquanto transgressora do corpo negro feminino. Acometido pelo medo e pela fúria, o protagonista projeta na mulher o escape de seu desregramento, assimilando o corpo-objeto cuja sociedade e história já contam. Dedicado a percorrer o construto de sua infância assinalada pela presença hostil do patriarca, Paulo compreende que sua ação diante da esposa é violenta e clama por uma segunda chance. Por outro lado, nota-se uma identidade rasurada pela impetuosidade de um itinerário de tensões e de abalos que repercutem incisivamente, tornando factível o ciclo dos atos truculentos.

As Rosas de Viera representam paradoxos: um nome atribuído a duas mulheres negras cujo significado remete à feminilidade, à pureza e à delicadeza, porém elas se encontram violadas por seus companheiros no cerne de suas casas onde deveriam estar resguardadas. Imerso nas memórias de Paulo e nas afetações psíquicas deste último, o narrador expõe a importância e a gravidade dos fatos ocorridos em torno das Rosas e das personagens infantis, localizando-os no tempo e no espaço. Esta experiência estética revela um enlace significativo para a diegese uma vez que os elementos da narrativa estão articulados a fim de alicerçar o conteúdo do texto em seus mecanismos

discursivos. Neste caso, enquanto pilar temático, assenta-se a lógica patriarcal reproduzida agressivamente contra as duas Rosas ainda que a segunda resista por intermédio estatal, impedindo, naquele momento diegético, a perpetuação de uma experiência de vida assinalada pelas agressões física, psicológica e moral.

No habitat que constitui a existência fluvial, abrigam-se filhotes, gestações, famílias e sociedades. Quando chega o homem, a estabilidade pode estar ameaçada. Na poética de Mari Vieira, junta-se a esta grande metáfora, recursos, tais como, aqueles que colaboram para o ritmo: aliterações e assonâncias. O ritmo esfacelado na floresta onde Paulo acessava memórias e bichinhos. O ritmo extenuado nas casas das Rosas onde homens forjavam a paz em nome de engendros misóginos, de longando seus tons no porvir das crianças. “Quarenta anos para o menino enraivecido sair rasgando a garganta feito uma espinha de peixe” (Vieira, 2019, p. 237). A posteridade chega no encontro com a lei. Faz regurgitar os espinhos e as espinhas derradeiras. O agora deverá ser de reparação, espera-se.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DO SENADO FEDERAL. Lei Maria da Penha torna mais rigorosa punição para agressões contra mulheres. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br>. Acesso em: 23 maio 2024.

AKOTIRENE, Carla. “*É fragrante forjado doutor vossa excelência*”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023. E-book. Plataforma Amazon

ALMEIDA, Silvio. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução: Paulo Soethe. Campinas-São Paulo: Editora da Unicamp, 2011.

BRASIL. *Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006*. Lei que cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/>. Acesso em: 23 maio 2024.

BRUNI, José. A água e a vida. *Tempo social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 53-65, 1993.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

- CRUZ, Eliana. *Água de barrela*. Rio de Janeiro: Ma-lê, 2018.
- DAVIS, Ângela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. Tradução: Hélder Goldinho. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- FREUD, Sigmund. Lembranças da infância e lembranças encobridoras. In: FREUD, Sigmund. *Psicopatologia da vida cotidiana e sobre sonhos*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2021.
- HOOKS, Bell. *E eu não sou uma mulher? mulheres negras e feminismo*. Tradução: Bhuvli Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2023.
- IPEA. *Atlas da Violência 2023*. Brasília: Ipea; FBSP, 2023. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/>. Acesso em: 05 maio 2024.
- JUNG, Carl. O passado e o futuro no inconsciente. In: JUNG, Carl. *O homem e seus símbolos*. Tradução: Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.
- LE BRETON, David. *Antropologia do corpo*. Tradução: Fábio Creder Lopes. Petrópolis-RJ: Vozes, 2016.
- LIMA, Vivianne; POSATO, Karyna. O avanço da violência doméstica contra mulheres negras no Brasil durante a pandemia. da covid-19. In: ENCONTRO NACIONAL DE ANTROPOLOGIA DO DIREITO, 7. *Anais...* Disponível em: <https://nadir.fflch.usp.br/GT13-VIIENADIR>. Acesso em: 20 maio 2024.
- REZENDE, Claudia; COELHO, María. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala: feminismos plurais*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero patriarcado violência*. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.
- VIEIRA, Mary. “Espinha de Peixe”. *Cadernos negros* 42. Contos Afro-brasileiros. São Paulo: Quilombhoje, 2019, p. 231-237.

NOTAS

¹Fragmento do discurso de Sojourner Truth presente na obra *Lugar de Fala*, da filósofa Djamilia Ribeiro, especialmente, no capítulo intitulado – “Um pouco de história” (p. 15-16)

²Entende-se o racismo pelas premissas de Sílvio de Almeida em sua obra “Racismo Estrutural” (2019, p. 22): uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos a depender do grupo racial ao qual pertençam. Para o jurista (2019, p. 43), “mulheres negras são consideradas poucos capazes porque existe todo um sistema econômico, político e jurídico que perpetua essa condição de subalternidade, mantendo-as com baixos salários, fora dos espaços de decisão, expostas a todo tipo de violências”. Assim, há uma estrutura a serviço da sujeição da mulher negra na sociedade e, consequentemente, a permissividade estruturada para execução de violências diversas contra seu corpo.

³Para melhor aprofundamento, sugere-se a leitura do capítulo “Mulher negra: o outro do outro”, In: *Lugar de Fala: feminismo plurais* (2019), de Djamilia Ribeiro.

⁴Perspectiva expressa no prefácio da obra *Violência e literatura*, de Ronaldo Lima Lins que traz como título – O que se pode dizer da violência?

⁵De acordo com as pesquisadoras Claudia Rezende e Maria Claudia Coelho, a raiva foi observada a partir da perspectiva que tem como prioridade a dimensão sociocultural. Este sentimento também recebeu atenção no campo da antropologia das emoções por ser uma sensação que põe em questão as relações sociais em jogo.

⁶De acordo com o demonstrativo, para além de violências cotidianas, as mulheres também são atingidas pela violência letal: na última década, entre 2011 e 2021, mais de 49 mil mulheres foram assassinadas no Brasil. A pesquisa explicita que somente em 2021, de acordo com os registros oficiais do Ministério da Saúde, 3.858 mulheres foram assassinadas no Brasil. Especificamente, durante o período pandêmico, entre 2020 e 2021, 7.691 vidas femininas foram perdidas no país. Sabe-se que durante a pandemia as mulheres e seus alcoses ficaram mais tempos juntos e, por conta disso, a probabilidade da violência familiar ser executada foi muito maior.

⁷Mineira, poeta e professora, ela publicou pela primeira vez em 2017 em *Cadernos Negros*, volume 40. Em 2019 escreveu para a Antologia Comemorativa do Dia Internacional da Mulher – *Mulherio das Letras Portugal – Prosa e Conto*, e na *Antologia Nenhuma a Menos*.